

# A CONCEPÇÃO DO MAL EM ERNESTO SABATO<sup>1</sup>

*Inês Skrepetz*

Universidade Federal do Paraná

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar, e suscitar reflexões de como se configura a concepção do Mal em algumas obras de Ernesto Sabato. Partiremos, portanto, para nossa reflexão, do seu breve romance *Informe sobre cegos*, que também compõe o terceiro capítulo da obra *Sobre heróis e tumbas* (1961).

**Palavras-chave:** Concepção do Mal; Ernesto Sabato; Literatura Argentina

A condição humana sempre é o foco dos romances do autor argentino Ernesto Sabato, que acredita que no sentido estrito da palavra nenhuma obra é uma autobiografia do autor, mas: “[...] no sentido profundo e misterioso, toda obra de arte é autobiográfica.”<sup>2</sup> Por isso, ao analisarmos seus romances, percebemos um autor sempre inquieto e inconformado, em contínuo questionamento da realidade e de si mesmo. Esse inconformismo se apresenta, também, nas vozes dos seus personagens, que sempre se encontram em contínua tensão consigo mesmo e o mundo. Penetrados em diversos contextos históricos, sociais e culturais, eles procuram colocar em crise a própria realidade, a qual é perpassada pela consciência crítica.

Nessa perspectiva, buscaremos elucidar as nossas reflexões, tendo como foco a questão do Mal, dentro do romance *Informe sobre cegos* de Ernesto Sabato, e que também é o terceiro capítulo que compõe a obra *Sobre Heróis e Tumbas* (1961). *O Informe*, romance autônomo em relação à obra original, tornou-se um dos escritos mais polêmicos do autor. Carregado de vestígios do Surrealismo, podemos identificar alguns elementos fantásticos, maravilhosos ou mágicos, porém, isso não nos permite qualificá-lo como uma obra



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](#).

<sup>1</sup> Como preferência do próprio autor, após escrever *Abadón o exterminador* (in SAUTER, 2005, p. 08), o seu nome será mantido sem acentuação ortográfica: SABATO.

<sup>2</sup> SABATO, E. *O escritor e seus fantasmas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985, p. 16

representante da Literatura Fantástica, Mágica ou Maravilhosa produzida na época por autores como Borges, Casares ou Cortázar (citando os mais expressivos dessas categorias).

Em *O Escritor e seus fantasmas* (1985), o autor reflete sobre a intenção dos seus romances, que é o mergulho na condição humana, explorando e investigando o “ser” que constantemente se encontra em “crise”, que se desdobra nas múltiplas complexidades da existência. Por isso, Sabato elege Fernando Vidal Olmos, para protagonizar o *Informe sobre cegos*, um homem atormentado que se torna um *Investigador do Mal*, tendo como contexto o primeiro Peronismo na Argentina, com sua crise e queda (1946-1955). O período conhecido como Primeiro Peronismo foi marcado pela ascensão ao poder do Coronel Juan Perón, figura controversa e populista que se elegeu presidente em 1946, por meio de uma rede de alianças políticas um tanto frágeis e oportunistas. Perón foi responsável por um programa econômico de razoável sucesso, beneficiando a massa popular; em contraposição, porém, Perón estabeleceu um regime de características autoritárias, perseguindo opositores e submetendo as instituições governamentais a um sistema personalista. A percepção desse contexto levou Sabato a criar um personagem que expressasse seu desacordo com a condução da política na época, e esse era Vidal; afastado de partidarismos, torna-se um crítico ácido e mordaz dos rumos da sociedade, e não apenas do peronismo. Vidal representa a concepção de Sabato de uma defesa insistente da democracia e da liberdade – mesmo com todos os problemas que ela traz consigo – discordando em absoluto da ideia de comprometer-se com uma tendência política em função do favorecimento. Assim, Sabato coloca Fernando Vidal numa posição de *francotirador solitario*; um crítico feroz, ao mesmo tempo, da direita autoritária e da oposição comunista.<sup>3</sup>

Fernando Vidal se torna, também, o símbolo do herói decadente, às avessas, “héroe al revés”, como ele se define, tornando-se, no sentido sartreano do termo<sup>4</sup>, o “ser fantástico” para si mesmo, que se defronta com o absurdo da realidade “dita normal” e coloca na arena da

---

<sup>3</sup> Na visão de Sabato, em *Antes del fin*: Quizá por mi formación anarquista, he sido siempre una especie de francotirador solitario, perteneciendo a esa clase de escritores que, como señaló Camus: “Uno no puede ponerse al lado de quienes hacen la historia, sino al servicio de quienes la padecen”. [...] Es arduo el camino que le espera: los poderosos lo calificarán de comunista por reclamar justicia para los desvalidos y los hambrientos; los comunistas lo tildarán de reaccionario por exigir libertad y respeto por la persona. En esa tremenda dualidad vivirá desgarrado y lastimado, pero deberá sostenerse con uñas y dientes. De no ser así, la historia de los tiempos venideros tendrá toda la razón de acusarlo por haber traicionado lo máspreciado de la condición humana. SABATO, E. *Antes del fin*. Buenos Aires: Seix barral, 1998, p. 57.

<sup>4</sup> Segundo Sartre, a partir de suas reflexões das obras de Blanchot e Kafka: “[...] não existe senão um objeto fantástico: o homem. Não o homem das religiões e do espiritualismo, engajado apenas pela metade no mundo, mas o homem-dado, o homem natureza, o homem-sociedade.” SARTRE, J.P. *Situações I*: Críticas literárias. São Paulo: Cosac&Naify, 2006, p. 124. Para Sartre, o homem comum é o “ser fantástico”, numa perspectiva mais filosófica-existencialista do que apenas estética (por isso, foi preferido deixar a expressão entre aspas).

existência seus conflitos éticos, psíquicos e espirituais; um homem que busca entender o seu tempo, se redimir do seu passado, e desafiar as forças sobrenaturais. Assim, Sabato engendra seu protagonista, Vidal, como “escritor de um escritor”, pois, dentro da obra, é Fernando Vidal o personagem escritor do *Informe*, esse detalhe é muito importante porque dá autonomia para o “protagonista escritor”, dentro de uma profunda introspecção-confessional, refletir e relatar as partes mais recônditas de sua alma. Esse mesmo “ser fantástico”, que se depara com sua implacável consciência, também coloca em crise os contextos e crenças, quando se refere às catástrofes, desigualdades e injustiças no mundo, porque a ideia de um Deus onipresente, onisciente e bondoso lhe parece totalmente contraditória. E nos meandros dessas angústias, geradas pela sensação de abandono, ele elabora uma teoria com as seguintes possibilidades:

- 1.º Dios no existe.
- 2.º Dios existe y es un canalla.
- 3.º Dios existe, pero a veces duerme: sus pesadillas son nuestra existencia.
- 4.º Dios existe, pero tiene accesos de locura: esos accesos son nuestra existencia.
- 5.º Dios no es omnipresente, no puede estar en todas partes. A veces está ausente ¿en otros mundos? ¿En otras cosas?
- 6.º Dios es un pobre diablo, con un problema demasiado complicado para sus fuerzas. Lucha con la materia como un artista con su obra. Algunas veces, en algún momento logra ser Goya, pero generalmente es un desastre. [...].<sup>5</sup>

Por meio dessa teoria elaborada por Fernando Vidal, sobre a experiência ou não de um “ser superior”, nos abre a possibilidade de analisá-lo a partir das suas dúvidas e angústias existenciais, que serão canalizadas para seus delírios, oscilando entre a realidade e o sonho. Desse modo, recordando as palavras de Sabato (1985), o *Informe* não se trata de um relato psicológico, mas um relato íntimo que retrata um percurso exploratório da própria alma, tratando-se do “coração do homem”, necessita de uma liberdade individual que só a estética pode explorar: “[...] o problema da alma, de um ponto de vista metodológico, pertence à estética e não à psicologia, ciência que opera de fora do julgamento e se fundamenta na causalidade.”<sup>6</sup>

Propriamente, essa percepção de Bakhtin nos instiga a refletir sobre os relatos de Vidal, numa conspiração poética e dramática do próprio ser, sem cair nas armadilhas das delimitações características que confluem para o maniqueísmo. Nesse sentido, o *Informe* se refere muito mais, conforme Sabato (1985), ao desvelamento da condição humana, desmascarando sutilmente as concepções hipócritas relacionadas ao ser e ao mundo. Esse aprofundamento é realizado tanto pelo autor, Sabato, quanto pelo “escritor personagem”,

<sup>5</sup> SABATO, E. *Informe sobre ciegos*. Buenos Aires: Emecé, 2007, p. 43-44.

<sup>6</sup> BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins fontes, 2000, p. 115.

Vidal, que numa relação solitária consigo mesmo independe do juízo do outro, pois, a introspecção-confissão, dentro de uma abordagem estética, assume uma postura negativa diante do outro, em nome da relação solitária que mantém consigo mesmo, assim como evidencia Bakhtin: “Uma relação axiológica solitária consigo mesmo – tal é o extremo para o qual tende a introspecção-confissão que supera o juízo de valor de outro possível.”<sup>7</sup>. Contudo, Bakhtin deixa claro que “o exame puro e solitário é impossível”, quanto mais se aproxima, o indivíduo, desse extremo, mais se faz sentir a ação do outro: “[...] quanto mais profunda é a solidão (axiológica) consigo mesmo [...], mais evidente é sua relação consubstancial com Deus.” Nessa reflexão estética e filosófica, o indivíduo cai na armadilha clássica dos extremos, em que “negar é afirmar”. Concomitantemente, Fernando Vidal oscilará em seus devaneios, mas como um homem atormentado refugia-se em sua solidão, deparando-se com sua implacável consciência e seu anseio pela morte, como uma via de libertação de seus tormentos. Dentro desse enfoque, observamos que o escritor-personagem, protagonista do pequeno romance *Informe sobre cegos*, inicia o seu relato internalizado na introspecção-confissão, consciente do final trágico que o espera: “[...] ¿cuándo empezó esto que ahora va a terminar con mi asesinato?”<sup>8</sup>. Para o espanto, *a priori*, do leitor, Sabato já informa como se concluirá a trajetória existencial e onírica do herói, para depois apresentá-lo, ou melhor, para o herói mesmo se identificar. Assim, Fernando Vidal, primeiramente se apresenta superficialmente, observando suas características físicas, com breves dados pessoais:

Me llamo Fernando Vidal Olmos, nací el 24 de junio de 1911 en Capitán Olmos, pueblo de la provincia de Buenos Aires que lleva el nombre de mi tatarabuelo. Mido un metro setenta y ocho, peso alrededor de 70 kilos, ojos grisverdosos, pelo lacio y canoso. Señas particulares: ninguna. Se me podrá preguntar para qué diablos hago esta descripción de registro civil. Nada hay casual en el mundo de los hombres<sup>9</sup>.

Nessa breve descrição, é interessante destacar que a data de nascimento de Fernando Vidal corresponde à mesma de Ernesto Sabato. Por meio desses dados, surge uma curiosidade inquieta: o romance seria uma obra autobiográfica do próprio Sabato? Será que Fernando Vidal é uma estetização existencial de Sabato?

Ao emergirmos da reflexão sabatiana, podemos deduzir, de alguma maneira, que a obra explicita um pouco do autor em cada personagem, mas isso não nos dá a liberdade e a competência de afirmarmos categoricamente que Sabato está “fielmente representado” dentro

---

<sup>7</sup> BAKHTIN, Op. cit., p. 156.

<sup>8</sup> SABATO, 2007, p. 29.

<sup>9</sup> SABATO, Op. cit., p. 49.

do personagem escritor Fernando Vidal Olmos. Como bem coloca Wainerman<sup>10</sup>: “Sabato, como esses criminosos que ajudam a polícia com indícios sutis, fez coincidir a data de nascimento de Fernando Vidal Olmos com seu próprio dia de nascimento, 24/06/1911.” Na observação de Wainerman, o autor prepara uma cilada para o leitor, mas também se levamos em consideração o toque sutil dado por Sabato de que “no sentido profundo e misterioso toda obra de arte é autobiográfica”, perceberemos as “perturbações” reflexivas que são acometidas às consciências dos personagens.<sup>11</sup> Se tratando de uma obra que investiga e desnuda a alma do ser humano, não poderia se restringir apenas a uma descrição caricata do homem. Nesse sentido, Fernando Vidal, após descrever suas características físicas e explicitar alguns dados pessoais, questiona a sua própria identidade:

¿Hay alguna inviolable relación, acaso, entre mi cuerpo y mi alma? Siempre me pareció portentoso que alguien pueda crecer, tener ilusiones, sufrir desastres, ir a la guerra, deteriorarse espiritualmente, cambiar sus ideas, transformar sus sentimientos y sin embargo seguir recibiendo el mismo nombre: Fernando Vidal. ¿Tiene algún sentido? ¿O es verdad que, a pesar de todo, existe algún hilo, infinitamente estirable pero milagrosamente unitario, que a través de esos cambios y catástrofes mantenga la identidad del yo?<sup>12</sup>

Enfim, é a partir dessas dúvidas e instigações espirituais e existenciais que se abrirá, mais precisamente, o ser que se encontra em “crise”, buscando em seu “caos interior” desvendar o caos externo que concretiza a sua existência. Por isso que Fernando Vidal Olmos se identifica como um investigador do Mal, que é manipulado pela *Seita secreta dos cegos*.

### **Fernando Vidal Olmos: entre o Bem e o Mal**

Na terceira carta inserida na obra *A Resistência* (2008), Sabato medita sobre a tendência humana em oscilar na dubiedade entre o Bem e o Mal, revelando que os atos mais fortes que movimentam o ser e o mundo decorrem de contrastes como o pecado e o perdão, a culpa e a expiação. Assim, sucessivamente, contrapondo e interligando os extremos num compasso que também presenciamos na realidade, na interação humana cotidiana, que se transformará em matéria-prima para o romance. Como acentua Bataille: “[...] assim como o horror é a medida do amor, a sede do Mal é a medida do Bem.” Esse embate insaciável é que gera o equilíbrio para o discernimento coerente da verdade buscada: “[...] se a ignorância da

---

<sup>10</sup> WAINERMAN, L. *Sábato y el misterio de los ciegos*. Buenos Aires: Castañeda, 1978, p. 16.

<sup>11</sup> SABATO, 1985, p.16.

<sup>12</sup> SABATO, 2007, p. 53.

cólera e a lucidez e sabedoria enfim não coincidirem, como nos reconhecer nesse mundo?”<sup>13</sup> Nessa perspectiva, os fragmentos encontrados no extremo permitem a captação da verdade que os contrários, *Bem e Mal*, compõem.

A partir dessa reflexão mais aprofundada em relação ao Bem e o Mal, que não se limita apenas a um mero maniqueísmo, mas que se funde e se direciona a uma meditação mais perspicaz da condição humana, é que transita o protagonista. É importante ressaltar o objetivo do *Informe Sobre Cegos*, qual a razão, ou motivo, que levou o protagonista a se posicionar como um investigador das “zonas obscuras” que também engendram o ser humano e sua existência concreta. Vidal não só investiga o mundo exterior, mas se propõe, por meio de relatos de sua memória e confissões, a investigar o seu próprio “eu”, a sua consciência, assim como ele propriamente expõe:

Este informe está destinado, después de mi muerte, que se aproxima, a un instituto que crea de interés proseguir las investigaciones sobre este mundo que hasta hoy ha permanecido inexplorado. Como tal, se limita a los HECHOS como me han sucedido. El mérito que tiene, a mi juicio, es el de su absoluta objetividad: quiero hablar de mi experiencia como un explorador puede hablar de su expedición al Amazonas o al África Central.<sup>14</sup>

Fernando Vidal chama a atenção para o propósito do seu ato investigativo, da sua intenção em desvendar a *Seita secreta dos cegos*, que dentro do Informe, é uma expressão emblemática criada pelo próprio Vidal, ou seja, não há uma corporação que se autodenomina *Seita secreta de cegos*, mas que é caracterizada, pelo protagonista, como um núcleo de conspiração engendrado e mantido pelo Mal.

Silvia Sauter (2005) esclarece que a investigação de Sabato, na voz de Vidal, a busca do desconhecido para escrever o *Informe*, não constitui em momento algum uma investida violenta contra os cegos físicos, mas, ao contrário, possui um sentido metafórico, simbólico, eles funcionam como símbolos e representam o “conceito do Mal”, do oculto, do desconhecido, do mundo das trevas. Por meio do protagonista Vidal, Sabato também busca uma tentativa de denunciar as “aparências falazes”, a tendência humana em “ver e crer” somente no que se tem diante dos olhos. Pois, quando o protagonista se posiciona como um investigador da *Seita secreta dos cegos*, ele confessa que é perseguido por ela, isso é, os cegos que perseguem Fernando é a sua concepção do Mal. O personagem leva em si mesmo, em seu inferno existencial, fantasmas que lhe acusam constantemente e o impedem de aceitar a sua própria realidade.

---

<sup>13</sup> BATAILLE, G. *A literatura e o mal*. São Paulo: L&PM, 1989, p. 24.

<sup>14</sup> SABATO, E. *A resistência*. São Paulo: Companhia das letras, 2008, p. 56.

## Concepção do Mal: A cegueira existencial

Ao escrever *O escritor e seus fantasmas*, Sabato expressa, refletindo sobre o romance e o mundo moderno, que: “[...] la tarea central de la novelística de hoy es la indagación del Mal. El hombre real existe desde la caída. No existe sin el Demonio: Dios no basta.”<sup>15</sup> Por isso, a alucinante descida de Fernando Vidal aos infernos da autoconsciência e da própria condição humana, remete-se a um não contentamento com a concepção burguesa do homem e do mundo, sendo que essa postura não o transforma num cruel niilista, nem tão pouco num satanista que anula por completo a existência de um “Ser Superior”. Mas instiga esse Mal que, muitas vezes, está mascarado com a face do Bem.

O Mal é uma questão bem presente nas obras de Sabato, podendo ser encontrado, de uma forma mais sutil ou mais intensa, em seus três romances: *O Túnel* (1948), *Sobre Heróis e Tumbas* (1961) – no qual aparece o *Informe*, bem como em *Abadon, o exterminador*. Nesse último, o autor se torna ficção de sua própria ficção, o personagem Sabato, e enfatiza o exercício da verdade em que o escritor deve estar comprometido em suas obras, sem cair nas armadilhas de uma lógica enceguecida que busca reger este mundo. Mas para isso, é necessário ter consciência da condição humana que oscila entre o Bem e o Mal, entre “las luces y las tinieblas” para não cair no jogo das “máscaras trocadas”, em que o Bem se faz de Mal e o Mal usa a face do Bem, principalmente quando consideramos que as crenças são construídas e deturpadas culturalmente.

Escrito em 1961, a questão do Mal, suscitada no *Informe*, ainda mantém-se atual, porque a investigação do protagonista não se resume a um mero descontentamento ou curiosidade sobre assuntos “ocultos”, contudo reflete uma denúncia ética. Assim, podemos dizer que a concepção do Mal abordada por Sabato no breve romance dialoga com a obra *Ensaio sobre a cegueira* de seu amigo escritor José Saramago. Da mesma forma que, no romance de Sabato, Vidal confessa que se vê obrigado a investigar o Mal, a *Seita secreta dos cegos*, a mulher do médico, na obra de Saramago, também lamenta o horror da lucidez, pois ela é a única que consegue enxergar entre os cegos: “[...] é que vocês não sabem, não podem saber, o que é ter olhos num mundo de cegos, não sou rainha, não, sou simplesmente a que nasceu para ver o horror, vocês sentem-no, eu sinto-o e vejo-o.”<sup>16</sup> Ambos os autores abordam a questão da cegueira existencial e o mal como sendo, principalmente, a supressão da dignidade humana, a banalização do senso crítico, como escreve Saramago: “[...] Por que foi

---

<sup>15</sup> SABATO, 1985, p. 147

<sup>16</sup> SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 262.

que cegamos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegamos, penso que estamos cegos. Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem.”<sup>17</sup>

Existe, portanto, dentro da *investigação do Mal*, um pêndulo que oscila entre a consciência do indivíduo e o seu contexto existencial e histórico. Nos meandros dessa reflexão, é interessante aprofundar ainda mais esse conceito, assim, partindo das leituras de Santo Agostinho (séc. IV d.C.) realizadas pela filósofa Hannah Arendt (1990), o Mal não surge por meio de potências malévolas, mas de um aglomerado de fraquezas humanas. Arendt especula que o Mal é uma força humana, assim como o Bem, contudo, posteriormente, ela expande suas investigações filosóficas e começa a pensar que o Mal surge a partir das circunstâncias como: ignorância, educação, cultura, enfim, o ser humano cria e constrói o Mal.

A reflexão de Hannah Arendt nos permite analisar mais cuidadosamente o discurso de Fernando Vidal, quando ele novamente se identifica como um “investigador do Mal”, não se restringindo somente a forças malévolas e demoníacas, mas criticando concomitantemente os poderes e os sistemas estabelecidos, como engendrados engeguados do Mal:

Soy un investigador del Mal ¿y cómo podría investigarse el Mal sin hundirse hasta el cuello en la basura? [...] Yo no he dicho en ningún momento que sea un buen sujeto: he dicho que soy un investigador del Mal, lo que es muy distinto. Y he reconocido además, que soy un canalla. ¿Qué más pueden pretender de mí? Un canalla insigne, eso sí. Y orgulloso de no pertenecer a esa clase de fariseos que son tan ruines como yo pero que pretenden ser honorables individuos, pilares de la sociedad, correctos caballeros, eminentes ciudadanos [...].<sup>18</sup>

Nesse fragmento confessional, relatado por Fernando, consideramos minuciosamente que o seu discurso não se direciona para uma autopromoção de si mesmo, culpando somente os outros pelo Mal que existe no mundo. Mesmo assim, é pertinente dar ênfase em que ele propriamente se qualifica como um canalha, sentindo-se responsável por suas omissões, mas sem cair no discurso hipócrita e dissimulado em que muitos caem. Por isso, ele se sente orgulhoso por não fazer parte da classe de fariseus (pessoa que segue a religião com rigorosa observância de suas regras, chegando ao extremo de se tornar símbolo de hipocrisia). Contextualmente, a crítica ácida de Vidal, ao referir-se aos poderes estabelecidos sustentados por “honrados indivíduos”, “eminentes cidadãos”, caracteriza-se e concretiza-se em sua resistência a uma concepção burguesa e deturpada do ser e da sociedade-mundo. Segundo Arendt (1990), por muito tempo o Mal recebeu várias interpretações, ditas como lógicas ao

<sup>17</sup> SARAMAGO, Op. Cit., p. 310.

<sup>18</sup> SABATO, 2007, p. 98.



extremo, ou místicas dogmáticas, mas agora, com análises e investigações mais profundas, surge uma abordagem inédita, cujo caráter singular veio acompanhado de uma importante denúncia ética, social, política e histórica. Considerando a nova abordagem, identificamos a materialização desse pensamento filosófico de Arendt, ao analisarmos o seguinte discurso de Fernando Vidal, referindo-se ao contexto histórico e social, em que a ética e a política se desenvolvem:

Si se hicieran alinear todos los canallas que hay en el planeta ¡qué formidable ejército se vería, y qué muestrario inesperado! (...) inspectores municipales, funcionarios coloniales, embajadores condecorados, etcétera, etcétera. ¡CANALLAS, MARCH! ¡Qué ejército, mi Dios! ¡Avancen, hijos de puta! ¡Nada de pararse, ni de ponerse a lloriquear, ahora que les espera lo que les tengo preparado! ¡CANALLAS, DRECH!<sup>19</sup>

Conforme Lucio Yudicello, (2005), Fernando Vidal deve se despojar de qualquer sentimento de compaixão – desde si até o outro – para poder desmascarar e revelar o abominável poder ocultado pela *Seita secreta dos cegos*, por isso que sua atitude é, também, profundamente mística, mesmo que seja uma mística perversa. A sua luta é o seu destino, o sentido de sua vida. Nada vai detê-lo, porque se Deus fracassou em sua luta contra o Mal, é esse quem agora governa o mundo, nessa concepção o mundo é regido pelo Mal e os cegos organizados em uma *Seita secreta* são os “testas de ferro” desse poder. Todos são vítimas e, ao mesmo tempo, todos contribuem com a sua propagação em virtude dos sentimentos pietistas e preconceitos morais.

A partir da observação de Yudicello, aprofundamos ainda mais essa concepção em que as supostas “vítimas” também podem ser coniventes com o Mal, pois, ao explorar mais intensamente a abordagem sobre a Mal, Hannah Arendt (1990), percebeu a importância de considerar que o ser humano poderia até possuir o “potencial de Maldade”, mas essa não é uma tendência latente e nem ao menos prioritária. O Mal, em si, é a supressão da dignidade humana, em todos os sentidos (interno – para quem o pratica, e externo – para quem o sofre), o que gera o “esvaziamento moral” que marca a mentalidade daqueles que o fundamentam e o executam. Não é, por conseguinte, uma potência absoluta no sentido Kantiano, mas uma banalizada e enfraquecida noção do senso crítico dos seres humanos.

Nessa reflexão mais intensa, a filósofa considera que o Mal, enquanto supressão da dignidade humana, gera o “esvaziamento moral” – a alienação –, em que o senso crítico humano enfraquece e se banaliza, permitindo que as “potências Malévolas” possam agir naturalmente na sociedade, como é o caso denunciado por Vidal em seu discurso eufórico

---

<sup>19</sup> SABATO, Op. cit., p. 100.

sobre os vários poderes, sistemas, órgãos públicos, etc., que cegamente administram o país, e que tantos enclausurados na “cegueira existencial” fingem, ou realmente não vêem, a situação que se estabelece, num sentido drástico, cotidianamente. Por isso, como nos coloca Anderson (2007), a suprema iniquidade requer ousadia e inteligência, mas, nesse caso, a maldade mantida pela “seita secreta” está desprovida de qualquer dimensão refletida, e de qualquer dimensão heróica. É um Mal que não transcende. Dentro desse pensamento, segue Anderson:

Se a suprema iniquidade requer ousadia e inteligência nefandas na execução de grandes crimes, ela toma emprestado ao Bem e deixa de ser absolutamente má; se ao contrário ela é simplesmente uma violência embotada, desprovida de qualquer dimensão refletida, sem falar em dimensão heróica, ela se transforma em uma patologia irresponsável, cuja insignificância moral - banalidade, como chamaria Hannah Arendt - é incapaz de representar o verdadeiro Mal.<sup>20</sup>

Durante a sua “investigação do Mal”, Fernando não sucumbe ao “esvaziamento moral”, seu senso crítico não está enfraquecido, pelo contrário, como observamos em seus discursos fervorosos contra os indivíduos e o mundo, mais concretamente a vida na sociedade, sua postura é de um espírito inquieto, insatisfeito com a realidade. Segundo Bataille (1989), a criação nasce da insatisfação, é esse elemento que impulsiona o ser a criar não apenas uma, mas várias realidades, e a busca para desvendar o Mal é a busca pela própria liberdade, é atingir os extremos e ultrapassar os limites, para que a verdade transpareça. Somente uma “hipermoral” possibilitará esse intercuro existencial e onírico, para que a “investigação do Mal”, abordada esteticamente pela literatura, ultrapasse as “moralizações” exacerbadas. Nas palavras de Bataille: “A literatura é essencial ou não é nada. O Mal – uma forma penetrante do Mal – de que ela é a expressão tem, para nós, creio eu, o valor soberano. Mas esta concepção não impõe a ausência de moral, exige a “hipermoral”.”<sup>21</sup>

A intenção de Sabato em criar um personagem-escritor, tão complexo quanto Fernando, é motivada justamente por fazer da *Literatura* um espaço aberto para que várias questões, valores humanos e espirituais, penetrem o seu discurso literário, possibilitando um vasto encadeamento de análises e reflexões.

Na obra *A Resistência*, o autor escreve que: “O romancista é todos e cada um dos seus personagens, com a totalidade das contradições que essa multidão comporta.”<sup>22</sup> Numa perspectiva de análise, fora do breve romance em foco, podemos perceber uma “ironia do destino” entre a vida do personagem Fernando Vidal e do autor Ernesto Sabato, este que, após a ditadura militar na Argentina (1976-1982), recebeu do presidente da república Raul

<sup>20</sup> ANDERSON, P. *Trajetos de uma forma literária*. Novos Estudos, março 2007, p. 207.

<sup>21</sup> BATAILLE, 1989, p. 9.

<sup>22</sup> SABATO, 2008, p. 60.

Alfonsín a missão de “investigar o Mal”: as mortes e o paradeiro das pessoas desaparecidas, por meio da *CONADEP – Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas*, bem como os militares envolvidos nos genocídios e sequestros, durante uma das mais cruéis ditaduras da América Latina.<sup>23</sup> Sabato publicou toda essa investigação dos crimes cometidos nesse período ditatorial em sua obra *Nunca más* (1984), conhecida também como *Informe Sabato*, que condensa o relatório completo da investigação apurada pela comissão, denunciando a “*Seita secreta de cegos*”, organizada pelos componentes da ditadura militar argentina. Mais tarde, em sua obra de memórias *Antes del fin*, o autor enfatiza: “[...] el escritor debe ser un testigo insobornable de su tiempo, con coraje para decir la verdad, y levantarse contra todo oficialismo que, engeguecido por sus intereses, pierde de vista la sacralidad de la persona humana.”<sup>24</sup>

## Referências

- ANDERSON, P. *Trajetos de uma forma literária*. Novos Estudos, março 2007.
- ARENDT, H. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins fontes, 2000.
- BATAILLE, G. *A literatura e o mal*. São Paulo: L&PM, 1989.
- BEIRED, J. L. *Breve história da Argentina*. São Paulo: Ática, 1996.
- SABATO, E. *A resistência*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Antes del fin*. Buenos Aires: Seix barral, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Heterodoxia*. Campinas: Papyrus, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Informe sobre ciegos*. Buenos Aires: Emecé, 2007.
- \_\_\_\_\_. *O escritor e seus fantasmas*. Rio de janeiro: Francisco Alves, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Sobre heróis e tumbas*. Rio de janeiro: Francisco Alves, 1980.

---

<sup>23</sup> Conforme Sabato, na obra *Nunca mais*: A nossa Comissão não foi instalada para julgar, pois isso é incumbência dos juízes constitucionais, e sim para indagar sob a sorte dos desaparecidos no decorrer destes anos infelizes da vida nacional. Mas, depois de ter recebido vários milhares de depoimentos e testemunhos; de haver verificado ou confirmado a existência de centenas de locais clandestinos de detenção; depois de juntar mais de cinquenta mil páginas de documentação, temos a certeza de que a ditadura militar gerou a maior tragédia de nossa história, e a mais selvagem. (SABATO, 1984, p. 01).

<sup>24</sup> SABATO, 1998, p. 39

\_\_\_\_\_. *Nunca mais!* Porto Alegre: L&PM, 1984.

SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SARTRE, J.P. *Situações I: Críticas literárias*. São Paulo: Cosac&Naify, 2006.

SAUTER, S. *SABATO: símbolo de un siglo*. Buenos Aires: Corregidor, 2005.

YUDICELLO, L. *La utopia negra de Ernesto Sabato*. Buenos Aires: Seix barral, 2006.

WAINERMAN, L. *Sábato y el misterio de los ciegos*. Buenos Aires: Castañeda, 1978

[Recebido em março de 2011 e aceito para publicação em maio de 2011]

### **The concept of evil in Ernesto Sabato**

**Abstract:** The objective of this article is to analyze, and to raise reflections of as the conception of the Evil, and the human longing is configured in some works of Ernesto Sabato. We will leave, therefore, for our reflection, of your brief romance it *Informe sobre Cegos*, which also composes the third chapter of the work *Sobre Heróis e Tumbas* (1961).

**Keywords:** Concept of Evil; Ernesto Sabato; Argentine Literature.

